

TRADUÇÃO: ESPELHO DA MUDANÇA?

MAFALDA RESPONDE

TRANSLATION: A MIRROR OF CHANGE?

MAFALDA ANSWERS

Marcos Bagno*

RESUMO

Diversas mudanças linguísticas ocorridas no português brasileiro têm provocado um distanciamento cada vez maior entre essa língua e o português europeu. Uma dessas mudanças é a crescente obrigatoriedade, no português brasileiro, de explicitação do sujeito, devida à simplificação da morfologia verbal decorrente da expansão dos usos de *você(s)* e *a gente*. Com isso, o português brasileiro se afasta das línguas que favorecem a elipse do sujeito, como o espanhol, o italiano e o português europeu, e se aproxima de línguas em que a explicitação do sujeito é obrigatória, como o francês. Faz-se aqui uma comparação entre a gramática do português brasileiro e a gramática do português europeu usando como *corpus* traduções das tiras da personagem Mafalda, de Quino, feitas no Brasil e em Portugal. Por ser um gênero textual em que se procura uma aproximação à realidade da língua falada, espera-se que essas traduções reflitam os usos normais das interações orais em cada uma das culturas linguísticas em que foram produzidas, ainda que se trate de uma oralidade fingida. **Palavras-chave:** mudança linguística; explicitação de sujeito; oralidade fingida.

ABSTRACT

Many linguistic changes that have been taking place in Brazilian Portuguese have given rise to a growing gap between this language and European Portuguese. One of these changes is the near impossibility, in Brazilian Portuguese, of dropping the subject, due to the simplification of verbal morphology ascribable to the growing use of *você(s)* and *a gente*. As a result, Brazilian Portuguese takes distance from the group of languages which permit subject-dropping, like Spanish, Italian, and European Portuguese, and comes nearer to languages where the expression of the subject is mandatory, like French. Here we compare the grammars of Brazilian and European Portuguese using as *corpus* translations of strips from Quino's *Mafalda* made both in Brazil and Portugal. Once comic strips are a genre in which there is an ambition of approaching the reality of spoken language, we expect that those translations mirror the normal uses of oral interaction in each of the two language cultures where the translations have been made, despite of being a fake orality. **Keywords:** language change; subject-dropping; fake orality.

* Universidade de Brasília, Brasília (DF), Brasil. bagno.marcos@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos de mudança mais investigados no âmbito da pesquisa linguística do português brasileiro (doravante PB) é o da *explicitação (quase) obrigatória do sujeito verbal*. Essa mudança, junto com tantas outras já muito estudadas, é um dos diversos aspectos morfosintáticos (e também, é claro, semântico-pragmáticos) que diferenciam o PB do português europeu (doravante PE). Não é possível negar a distância que vai se alargando entre as duas realidades linguísticas. E são de um linguista português as seguintes palavras:

A minha opinião de que a separação estrutural entre a língua de Portugal e a do Brasil é um fenómeno lento e de águas profundas, que é fácil e, a muitos, desejável não observar assenta no convencimento de que a fractura do sistema linguístico existe, mas não é aparente a todos os observadores, nem é agradável a alguns saudosistas (CASTRO, 2011, p. 31)

Nosso objetivo aqui é investigar em que medida essa diferença de tratamento da categoria *sujeito* no PB e no PE está (ou não) refletida na prática da tradução de textos que simulam interações orais (a *oralidade fingida*, conceito que se explicitará mais adiante na seção 3). Para tanto, vamos comparar traduções brasileiras e portuguesas das mesmas tiras¹, produzidas originalmente em espanhol rio-platense, da personagem Mafalda, criação internacionalmente célebre do cartunista argentino Quino (Joaquín Salvador Lavado Tejón, nascido em 1932), publicadas entre os anos de 1964 e 1973 em jornais da Argentina e posteriormente reunidas em livro.

1. MORFOLOGIA RICA, MORFOLOGIA POBRE E FORMAS DE TRATAMENTO

1.1 Português brasileiro e português europeu

Dentro do quadro geral das línguas românicas, o francês ocupa um lugar à parte por apresentar uma obrigatoriedade incontornável de enunciação do sujeito dos verbos: as transformações radicais sofridas pela língua ao longo dos séculos levaram a que uma realização fonética como [ˈpaʁl^ə] corresponda à 1ª pessoa do singular (*je parle*), à 2ª do singular (*tu parles*), à 3ª do singular (*il/elle parle*), à 3ª do plural (*ils/elles parlent*), assim como à pessoa semanticamente indefinida representada pelo pronome *on* (*on parle*), pronome que também pode se referir à 1ª do plural (mais ou menos equivalente à forma *a gente* do português), e isso tanto no

1. Uma *tira* (ou, em linguagem informal, *tirinha*), é um “segmento de história em quadrinhos, apresentado em jornais ou revistas numa só faixa horizontal” (*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*).

presente do indicativo quanto no presente do subjuntivo. Apesar das diferenças nas formas escritas (*parle, parles, parlent*), elas são apenas testemunhos do extremo conservadorismo da ortografia francesa, que não acompanha, desde pelo menos o século XVII, as mudanças ocorridas na língua falada – reiterando o já dito, todas essas formas escritas têm uma única realização fonética: [ˈpaʁlː]. Sem a explicitação do sujeito, é nada menos do que impossível correferir o verbo sozinho a uma entidade qualquer.

Essa situação do francês contrasta radicalmente, por exemplo, com a do italiano e do espanhol, línguas que conservam uma característica do latim clássico que é a possibilidade de elipse do pronome-sujeito, uma vez que a desinência verbal é suficiente para a indicação da pessoa:

LATIM	ITALIANO	ESPAÑHOL
canto	canto	canto
cantas	canti	cantas
cantat	canta	canta
cantamus	cantiamo	cantamos
cantatis	cantate	cantáis
cantant	cantano	cantan

Essa mesma possibilidade de elipse do sujeito se verifica em outras línguas do grupo românico: catalão, galego, occitano, sardo, romeno. É comum na literatura linguística distinguir as línguas que têm morfologia “rica” das que têm morfologia “pobre”: a riqueza se refere precisamente à existência de desinências verbais específicas para cada pessoa verbal, o que permite a omissão do pronome-sujeito. Línguas de morfologia pobre são, ao contrário, aquelas em que a forma verbal sozinho não permite a identificação da pessoa, o que obriga à explicitação do sujeito por meio de pronome, como é o caso do francês e mais ainda do inglês (pense-se numa forma como *can*, que só pode ser interpretada se vier precedida de seu sujeito).

A possibilidade de elipse do sujeito permite, nas línguas em que ocorre, que os falantes se sirvam dos pronomes pessoais para conferir ênfase pragmático-discursiva ao enunciado: para um falante de italiano, por exemplo, existe diferença entre dizer simplesmente *pago* e dizer *pago io*, porque a explicitação do pronome-sujeito *io* tem uma carga de expressividade que a forma verbal sozinho não tem. As línguas de sujeito obrigatório (como o francês, o inglês e, em parte, o português brasileiro) procuram obter essa expressividade por meio de outros recursos de natureza gramatical (como o uso do pronome tônico em francês – *c'est moi qui paie* –

ou de orações clivadas, como em PB: *eu é que pago*) ou então prosódica (como se dá em inglês, com reforço acentual sobre os pronomes: *I am paying that!*).

No que diz respeito ao que se chama genericamente “português”, é preciso distinguir o *português brasileiro* (PB) do *português europeu* (PE), devido à “separação estrutural” e à “fractura do sistema linguístico” mencionadas por Castro na citação acima. No PB, o quadro pronominal e a morfologia verbal têm passado por processos de mudança que, como já se mencionou, levam os falantes brasileiros a explicitar cada vez mais o sujeito (como ocorre em francês). Os principais fatores que provocaram essa mudança são:

1) o emprego generalizado de *você* como forma de tratamento informal, familiar, íntimo (ao contrário do que ocorre no PE, em que *você* ocupa um lugar intermediário nas formas de tratamento, entre *tu* e *o senhor/a senhora*, mas com difícil delimitação, como se verá abaixo): embora semanticamente de 2ª pessoa, *você* implica a morfologia verbal da 3ª pessoa, por ser o resultado histórico da gramaticalização do sintagma nominal *Vossa Mercê*;

2) o emprego também amplamente generalizado de *a gente*: embora semanticamente de 1ª pessoa do plural, *a gente* acarreta, tal como *você*, a morfologia verbal da 3ª pessoa, por ser também o resultado de uma gramaticalização, a do sintagma nominal *a gente*. A pesquisa linguística tem demonstrado com muitos dados empíricos que *a gente* toma cada vez mais o lugar de *nós* na língua falada pela maioria da população brasileira²;

3) o emprego do pronome *tu*, nas variedades sociolinguísticas em que ocorre, acompanhado preferentemente da morfologia de 3ª pessoa (*tu vai, tu foi, tu ia* etc.): conforme demonstram Scherre *et al.* (2015, p. 142), o uso de *tu* com a morfologia “clássica” (*tu vais, tu foste, tu ias*) é muito menos frequente do que seu uso com as formas da 3ª pessoa do singular;

4) o emprego, mesmo onde se usa *tu*, de uma única forma para a 2ª pessoa do plural, *vocês*, dado que o pronome *vós* (e a morfologia correspondente) não existe no PB;

5) a distinção morfológica única, em muitas variedades linguísticas classificadas genericamente como “populares”, entre *eu* e *não-eu*: com isso, a morfologia verbal apresenta apenas duas formas, uma para *eu* (*eu falo*) e outra para *não-eu* (*tu/você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas fala*). Embora os falantes classificados como “cultos” tendam

2.“De maneira geral, as pesquisas indicam que o fenômeno de variação entre *nós* e *a gente*, na variedade brasileira, pode ser caracterizado como um processo de mudança linguística, no qual, gradativamente, a forma inovadora tem ocupado os espaços da mais antiga” (VIANNA; LOPES, 2015, p. 109).

a monitorar sua fala quando se trata de interações mais formais, essa morfologia binária (*eu* vs. *não-eu*) também ocorre na atividade verbal de falantes mais letrados e de zona urbana em situações de menor monitoramento estilístico.

Todos esses fatores têm conduzido gradativamente à (quase) obrigatoriedade de enunciação do sujeito para evitar ambiguidades: uma forma como *falava*, por exemplo, pode ter como sujeito *eu*, *você*, *ele*, *ela*, *a gente*, bem como *tu* nas variedades em que se emprega esse pronome, e até mesmo todas as pessoas verbais nas variedades ditas “populares” e nas “cultas” em interação menos monitorada.

Temos nos referido à *quase* obrigatoriedade da explicitação do sujeito em PB porque há contextos linguísticos em que pode ocorrer a elipse do pronome pessoal sem risco de ambiguidade. Trata-se, por exemplo, do que se poderia chamar de *resposta em eco*: ao contrário de muitas outras línguas, em que as respostas se dão frequentemente com o uso das formas correspondentes a “sim” e “não”, no PB é normal que a resposta “eco” o verbo utilizado na pergunta: (A): “Você conhece a Júlia?”, (B): “Conheço”. Outra possibilidade de elipse do sujeito se dá em encadeamentos de verbos numa mesma sequência: “Quando *eu* cheguei lá e *vi* o que estava acontecendo *fiquei* muito assustada”. Essas possibilidades não existem em francês, inglês e alemão, por exemplo, por isso vamos classificar o PB como uma língua de (*quase*) obrigatoriedade de explicitação do sujeito. Ainda assim, quando se trata do pronome *você* parece existir a tendência à repetição, mesmo numa única sequência de fala, como se pode observar no seguinte trecho de uma entrevista gravada (ênfase nossa):

(1) quando *você* cruza a faixa, *não é* que *você* sente um tombo, mas *você* sente que a película tem altura, nas outras *você* passa por cima e nem sente, *ela é* rasa...³

No que diz respeito ao português europeu, a forma de tratamento mais íntima permanece *tu*, empregada exclusivamente com sua morfologia própria (*tu falas*, *tu foste*, *tu fazias* etc.). Quanto a *você*, a sistematização de seu uso constitui, segundo o linguista português Fernando Venâncio (em comunicação particular), “o nosso problema nacional”. O mesmo Venâncio, em texto bem-humorado, escreve:

Um professor de Português [europeu] para estrangeiros vê-se grego para esclarecer o nosso uso do pronome “ *você*”. Se quiser limitar a perplexidade, dirá que se trata de uma forma algebras entre “*tu*” e “o senhor” e, de caminho, desaconselhará o emprego aos principiantes. [...] O adequado uso de “ *você*” exige, no nosso fascinante caso, um equilíbrio, um afinamento, uma perspicácia, que costumam acoitar-se só em altas esferas do desempenho humano. Na prática, atravessamos, vida fora, um inacabável campo de minas (VENÂNCIO, 2012, p. 12).

3. Exemplo extraído do acervo do projeto NURC (Norma Urbana Culta), inquérito D2/SSA/98.

De maneira geral, segundo confessa Paul Teyssier (1997, p. 90), o uso das formas de tratamento em Portugal, “em condições normais da comunicação linguística, é para o estrangeiro fonte de amedrontadoras dificuldades”. Enquanto em outras culturas linguísticas, sobretudo europeias, impera o chamado *sistema T/V*, isto é, duas formas de tratamento (como no francês *tu*, informal, e *vous*, formal, de onde, aliás, provém o nome do sistema T/V), ou mesmo o emprego de um único pronome, como o *you* do inglês, na cultura portuguesa existe todo um gradiente de pronomes, locuções e títulos honoríficos que configuram um sistema de tratamento muito complexo e, conforme escreve Teyssier, de difícil apreensão por parte de estrangeiros, ainda que brasileiros, falantes de uma suposta “mesma” língua.

Em resposta a um internauta com dúvidas sobre o uso de *você* em Portugal, Sara Leite pondera: “É bem verdade que, apesar de ser frequentemente usada hoje em dia em Portugal, a forma de tratamento *você* gera reacções contraditórias, porque tem interpretações distintas”⁴. Por sua parte, quando indagada sobre os empregos de *tu*, *você* e *vós* no PE, Helena Figueira escreve:

Num *site* ou em indicações neutras como em instruções, receitas, manuais, guias ou afins, será conveniente usar o tratamento por *você*. Para o português do Brasil, o pronome *você* poderá estar expresso (ex.: *Se você deseja receber um bônus...*), mas para o português europeu, é conveniente que esteja subentendido (ex.: *Se deseja receber um bônus...*), uma vez que o uso expresso deste pronome pode estar associado ao português do Brasil, ao tratamento informal entre pessoas que não se tratam por *tu*, ao tratamento de uma pessoa hierarquicamente inferior ou mesmo a um tratamento pouco respeitoso⁵.

A explicação oferecida, como se vê, pouco esclarece, já que as interpretações possíveis de um *você* constituem, no PE, um espectro amplo e muito impreciso (“tratamento informal entre pessoas que não se tratam por *tu*”, “tratamento de uma pessoa hierarquicamente inferior”, “tratamento pouco respeitoso” e até mesmo “português do Brasil”, como se isso fosse algo a evitar). Quanto à não explicitação fonética do pronome *você*, ela leva à produção de enunciados que, para um falante de PB, podem soar agramaticais. Considere-se, por exemplo, na Figura 1, uma publicidade de uma livraria portuguesa⁶:

4. <https://goo.gl/LxiUVu>, acesso em 12/2/2019. A resposta traz a data de 8/5/2008.

5. <https://goo.gl/7d28TW>, acesso em 11/2/2018. A resposta traz a data de 26/2/2009.

6. <https://goo.gl/kXH2VB>, acesso em 13/2/2018.

sabia que há
feira do livro
o ano todo?
encontre a mbooks mais perto de si!



outubro

oeiras: lisboa:

- algés - cp
- calis do sodré - metro
- inatel de oeiras
- calis do sodré - cp
- carcaelos - cc rívera
- santa apolónia - cp
- cascais - cascais villa
- alameda - metro
- alvalade - cc alvalade
- são Sebastião - metro
- cidade universitária - (estádio)

sintra:

- mara ariado - cp

porto:

- campanhã - cp

estamos abertos 24h em:
www.mbooks.pt

temos o que não encontra, ao melhor preço. **sistema J** 

Figura 1

No Brasil, esses mesmos enunciados viriam expressos, muito provavelmente, como “Você sabia que *tem* feira do livro o ano todo?” (a forma *há* muito dificilmente ocorre na linguagem publicitária brasileira) e “Temos o que *you* não encontra”, subentendendo-se, é claro, “em outro lugar”. Observe-se também o enunciado “encontre a mbooks mais perto de *si*”, que no Brasil seria “perto de *you*”.

Examine-se agora um pequeno texto que aparece na página de abertura do site oficial da empresa TAP Air Portugal: quando se seleciona o país “Portugal” e a língua “português”, o texto que surge é (A)⁷ abaixo; quando se seleciona o país “Brasil” e a língua “português (Brasil)”, o que surge é (B)⁸ (ênfase nossa):

7. <https://flights.flytap.com/pt-pt/>, acesso em 13/2/2018.

8. <https://flights.flytap.com/pt-br/>, acesso em 13/2/2018.

(A)

Pague só o que precisa

A TAP oferece-lhe preços competitivos e adequados às suas necessidades. Com as tarifas TAP, pode escolher como quer voar e pagar só o que precisa. Da tarifa DISCOUNT, para quem valoriza o preço mais baixo, passando pelas tarifas BASIC, CLASSIC e PLUS, perfeitas para toda a família, e as tarifas EXECUTIVE e TOP EXECUTIVE, para quem viajar faz parte do dia-a-dia, em todas encontrará bilhetes com preços atrativos. A qualquer momento, poderá reservar serviços adicionais às tarifas mais baixas.

(B)

Pague só o que você precisa

A TAP oferece os melhores preços, adequados às suas necessidades. Com as tarifas TAP, você pode escolher como deseja voar e pagar somente por aquilo que você precisa. Começando com a tarifa DISCOUNT, para aqueles que preferem pagar menos, até as tarifas BASIC, CLASSIC, e PLUS, perfeitas para toda a família, assim como as tarifas EXECUTIVE e TOP EXECUTIVE, para aqueles que viajam com mais frequência. Você encontrará excelentes ofertas a preços atraentes para todas essas tarifas.

No texto (A), todos os verbos dirigidos a potenciais clientes portugueses ocorrem sem sujeito explícito: "precisa", "pode", "precisa", "poderá". No texto (B), dirigido a clientes brasileiros, o pronome-sujeito *você* ocorre nada menos do que quatro vezes: "você precisa", "você pode", "você precisa", "você encontrará".

Além disso, a forma *você* só ocorre no PE (quando explicitada, o que é raro, como se viu) na função de sujeito e nunca como complemento: onde no Brasil se diria "vi *você* ontem na rua", em Portugal se diria "vi-o/a ontem na rua" ou "vi *a si* ontem na rua"; a um "perto de *você*" brasileiro corresponderia um "perto de *si*" em Portugal, como na Figura 1 acima. Quanto aos possessivos, quando se trata da forma plural *vocês*, enquanto no PB usamos a locução *de vocês* ("essa casa é *de vocês*?"), no PE se emprega *vosso/vossa/vossos/vossas* ("essa casa é *vossa*?").

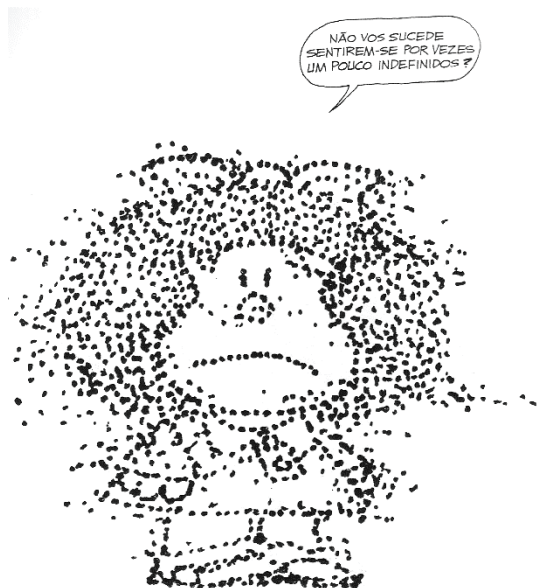
Assim como no Brasil, também se emprega *a gente* em Portugal com referência à 1ª pessoa do plural e com morfologia de 3ª do singular. No que diz respeito ao pronome *vós* e sua morfologia, "desde o século XIX a segunda pessoa do plural sai completamente do uso falado normal" (TEYSSIER, 1997, p. 90). No PB não existe nenhuma variedade em que ainda sobreviva esse pronome e sua morfologia. Em Portugal, o pronome *vós* e a morfologia correspondente se conservam em variedades do norte e do centro do país, mas, conforme explica Segura (2013, p. 130), "o português-padrão [europeu] substituiu, na interação verbal com interlocutor plural, o pronome *vós* por *vocês* [...] usando o verbo na 3ª pessoa do plural". Dessa forma,

vocês é tanto o plural de *tu* quanto de *você*, tal como se dá também no PB. No Brasil, por outro lado, o plural de *o senhor/a senhora* é, com muita frequência, *vocês*, raramente *os senhores*.

Do mesmo modo que, no Brasil, a expansão dos usos de *você* provocou cruzamentos morfológicos nos usos de *tu* (isto é, a convivência de formas como *tu foste* e *tu foi*), também em Portugal o uso dialetal de *vós* provoca cruzamentos morfológicos nos usos de *vocês*, conforme os dados abaixo, oferecidos por Segura (2013, p. 131):

- 2) Vocês *andais* a gastar dinheiro!
- 3) E vocês *vinde* por aí acima!
- 4) A canga que vocês *tendes*.
- 5) Vocês não *se preocupais* que eu cá me ajeito.

Esses exemplos ajudam a dissipar os preconceitos que pesam sobre as formas próprias do PB, consideradas pela tradição purista como “erros” e “deturpações” introduzidas pelos brasileiros na “língua de Camões”, como se todos os falantes portugueses seguissem o padrão normativo à risca. Cruzamentos morfológicos (designação mais adequada e menos preconceituosa da famigerada “mistura de tratamento”) são perfeitamente normais na língua falada pelos portugueses. Sirva de exemplo a seguinte ilustração, retirada da tradução portuguesa da Mafalda (página xxiv da obra referida mais adiante na seção 4), em que ocorrem ao mesmo tempo os oblíquos *vos* e *se* com referência a um *vocês* não explicitado:



Apesar de todas essas mudanças ocorridas no sistema pronominal tanto do PE quanto do PB, as gramáticas normativas e os livros didáticos que se inspiram nelas insistem em apresentar um quadro de conjugação verbal que corresponde, quando muito, ao estado da língua no século XVI: trata-se da tradicional parlenda *eu-tu-ele-nós-vós-eles*, uma sequência de pronomes que não corresponde à realidade dos usos nem de Portugal nem do Brasil e que ignora rotundamente (i) a gênese e a expansão dos usos de *você(s)* e *a gente* desde pelo menos o século XVII; (ii) a retração dos empregos de *tu* no Brasil e a preferência pela morfologia de 3ª pessoa (*tu foi*); (iii) a redução no PB de *você(s)* à forma *cê(s)* quando em função de sujeito (testemunho de sua transformação em pronome átono com a conseqüente cliticização); (iv) a conservação apenas dialetal (e não aceita pela norma-padrão) de *vós* em Portugal, além de outros fenômenos de mudança que atingiram não só os pronomes pessoais do caso nominativo (sujeito), mas também os do caso acusativo (objeto direto), dativo (objeto indireto), genitivo (possessivo) etc. É lamentável que essa situação perdure, já que causa evidentes prejuízos a um ensino honesto e relevante da língua tanto para seus falantes nativos quanto para estrangeiros.

Uma descrição mais realista dos pronomes pessoais no português europeu contemporâneo é a que oferece Eduardo Raposo (2013, p. 902) no quadro abaixo⁹:

9. Legenda: SUJ (= sujeito), CP (complemento de preposição), CD (complemento direto), CI (complemento indireto). Os complementos diretos e indiretos incluem também as formas reflexivas.

Quadro 1. Pronomes pessoais do português europeu

	FORMAS TÓNICAS			FORMAS ÁTONAS (CLÍTICAS)	
	SUJ (NOMINATIVO)	CP (OBLÍQUO)	POSSESSIVO (GENITIVO)	CD (ACUSATIVO)	CI (DATIVO)
1sg	eu	mim, comigo	meu, minha, meus, minhas	me	me
1pl	nós	nós, connosco	nosso, nossa, nossos, nossas	nos	nos
	a gente	nós, connosco	nosso, nossa, nossos, nossas	nos, se	nos, se
2sg	tu	ti, contigo	teu, tua, teus, tuas	te	te
	você	você, si, consigo	seu, sua, seus suas	o, a, se	lhe
2pl	vós	vós, convosco	vosso, vossa, vossos, vossas	vos	vos
	vocês	vocês, convosco	vosso, vossa, vossos, vossas seu, sua, seus, suas	os, as, vos, se	lhes, vos
3sg	ele, ela	ele, ela, si, consigo	seu, sua, seus, suas	o, a, se	lhe
3pl	eles, elas	eles, elas	seu, sua, seus, suas	os, as, se	lhes

Se quiséssemos elaborar um quadro semelhante para o português brasileiro *falado* mais geral, levando em conta as descrições apresentadas em Bagno (2012, p. 743 e seguintes) e tentando sintetizar inclusive os usos próprios de variedades regionais, teríamos o seguinte (as formas entre parênteses são de uso muito restrito e quase sempre em situações de alto monitoramento da fala):

Quadro 2. Pronomes pessoais do português brasileiro

	SUJ (NOMINATIVO)	CP (OBLÍQUO)	POSSESSIVO (GENITIVO)	CD (ACUSATIVO)	CI (DATIVO)
1sg	eu	mim, comigo	meu, minha, meus, minhas	me	me
1pl	nós	nós, (conosco), a gente	nosso, nossa, nossos, nossas, da gente	(nos), a gente	(nos), à/para a gente
	a gente	a gente	nosso, nossa, nossos, nossas da gente	a gente, (nos), se	à/ para a gente, (nos), se
2sg	tu	ti, contigo	teu, tua, teus, tuas seu, sua, seus, suas	te, lhe, se	te, lhe
	você / cê	você, ti, contigo	seu, sua, seus suas teu, tua, teus, tuas	você, te, lhe, se	a/para você, te, lhe, se

2pl	vocês / cês	vocês	de vocês	vocês, se	a/para vocês, se
3sg	ele, ela	ele, ela, (si), (consigo)	dele, dela	ele, ela, (o), (a), [ø], se	a/para ele, se a/para ela, se
3pl	eles, elas	eles, elas, (si), (consigo)	deles, delas	eles, elas, (os), (as), [ø], se	a/para eles, se a/para elas, se

Como se percebe facilmente na comparação entre os dois quadros, os sistemas pronominais português e brasileiro se diferenciam radicalmente. Basta citar, por exemplo, a correlação *você*→*te/lhe/você* (“eu *te* espero/eu *lhe* espero/eu espero *você*”), sem paralelo no PE, ou o uso perfeitamente normal de *ele(s)/ela(s)* como objeto direto (“eu acompanhei *ele/ela/eles/elas* até o elevador”) e a correlata redução dos empregos de *o/a/os/as*, pronomes substituídos por anáforas-zero (representadas pelo símbolo [ø] no quadro acima: “não sei onde está o meu telefone, acho que deixei [ø] no banheiro”). Ou, ainda, a indiferença de uso dos possessivos *teu(s)/tua(s)/seu(s)/sua(s)* na correferência tanto com *tu* quanto com *você* (“você me empresta o *seu/teu* telefone?”; “tu me empresta(s) o *teu/seu* telefone?”).

Reconhecer essas mudanças implica necessariamente abandonar velhos dogmas do ensino de língua no Brasil, como a já mencionada “mistura de tratamento”, que não tem nenhum fundamento racional a não ser a tentativa de preservar um modelo de língua “certa” que não corresponde em nada à realidade dos usos. Implicaria também, no que diz respeito à prática da tradução, sobretudo de gêneros que procuram representar a língua falada espontânea, buscar soluções mais verossímeis na representação dessa fala, de modo que o público-leitor brasileiro reconheça sua própria voz na *oralidade fingida* construída pelo tradutor. E o mesmo vale, evidentemente, para a produção de legendas de filmes e seriados, bem como para a dublagem.

1.2 Espanhol rio-platense

Uma língua presente numa extensão geográfica tão vasta como o espanhol, falado por quase meio bilhão de pessoas em mais de vinte países – incluindo os Estados Unidos, onde o número de falantes da língua (mais de 40 milhões¹⁰) está perto de alcançar o da população total da Espanha (46,5 milhões¹¹) –, apresenta obviamente um amplíssimo espectro de variação em todos os níveis do sistema

10. <https://goo.gl/s1fA16>, acesso em 12/2/2018.

11. <https://goo.gl/NyCDcF>, acesso em 12/2/2018.

(fonologia, morfossintaxe, léxico) e segundo as mais diversas variáveis sociais (sexo, idade, profissão, origem geográfica, classe social, grau de escolaridade, nível de renda etc.).

No que diz respeito às formas de tratamento e aos pronomes que as representam, o espanhol chamado *rio-platense* (do nome espanhol do Rio da Prata, *Río de la Plata*), que caracteriza sobretudo os falantes das capitais da Argentina (Buenos Aires) e do Uruguai (Montevideú), apresenta diferenças marcantes com relação ao chamado espanhol *peninsular* (da Espanha). Sem dúvida, a principal característica dessas variedades é o chamado *voseo*, isto é, o emprego do pronome *vos*. Bárbara Zocal da Silva, que pesquisou três traduções brasileiras da Mafalda, (2015, p. 162-3), explica que

a forma de tratamento *vos*, para designar o interlocutor, portanto relacionada à segunda pessoa (singular) da situação de comunicação, é usada amplamente na Argentina como forma de tratamento informal, e seu paradigma tem formas verbais e pronominais que são, algumas, derivadas historicamente de uma segunda pessoa do plural, outras, coincidentes com o paradigma de segunda pessoa tú. No que se refere a graus de formalidade, o tratamento *vos* tem uma relação de oposição com o tratamento formal *usted*, que também designa o interlocutor na situação comunicativa, mas cujo paradigma morfológico verbal e pronominal é de terceira pessoa. O uso do tratamento *vos* implica em uma relação social de igualdade (não hierárquica) com o interlocutor e ocorre em contextos familiares, informais ou de confiança. Identificamos nas três traduções que esse pronome foi traduzido como “você”, tratamento informal do português brasileiro que funciona com um paradigma verbal de terceira pessoa do singular e um paradigma pronominal híbrido que, especialmente na oralidade, se vale de algumas formas de segunda do singular (*tu*). (Silva, 2015, p. 161-162).

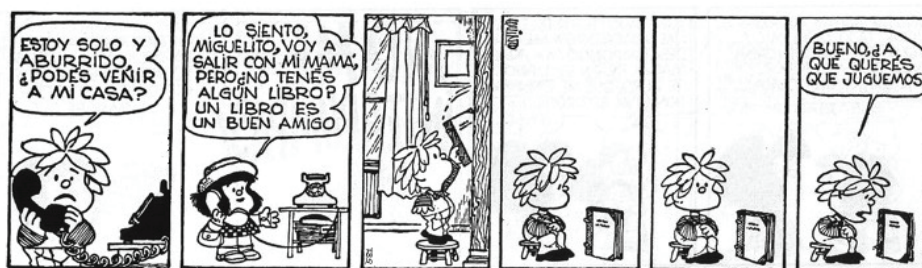
De fato, assim como a forma *você*, no PB, tem como correferente oblíquo mais comum a forma *te* (“*você* sabe que eu *te* amo”), também a forma *vos*, no espanhol rio-platense, tem correferentes derivados da 2ª pessoa do singular do quadro “clássico” de pronomes: *te* (“[*vos*] sabés que *te* quiero”) e os possessivos *tu(s)* e *tuyo(s)/tuya(s)*. E tal como o plural de *tu*, no PB, convergiu para a mesma forma do plural de *você*, isto é, *vocês*, no espanhol rio-platense o plural de *vos* é *ustedes*, que também é o plural de *usted*, pronome de tratamento formal. Ao contrário de *você(s)*, porém, que se serve unicamente da morfologia verbal da 3ª pessoa (singular e plural), a morfologia de *vos* é híbrida, pois apresenta algumas formas próprias (como no presente do indicativo *sos, cantás, partís, querés* etc., diferentes de [tú] *eres, cantas, partes, quieres* etc.) e outras que derivam diretamente da morfologia “clássica” da 2ª pessoa do singular (*vos/tú cantabas, vos/tú hablarías, vos/tú dejaste* etc.). Temos assim o seguinte quadro de pronomes-sujeitos nas variedades peninsular e rio-platense¹²:

12. O quadro tenta dar uma visão mais geral dos usos dos pronomes, sem levar em conta as inevitáveis variações regionais e/ou sociais que existem tanto na Espanha quanto na Argentina e no Uruguai.

Quadro 3. Pronomes-sujeitos do espanhol rio-platense

PESSOA	ESPAÑHOL	
	PENINSULAR (ESPAÑA)	RIO-PLATENSE (ARGENTINA/URUGUAI)
1ª sing	yo	yo
2ª sing	tú (<i>informal</i>)	vos (<i>informal</i>)
	usted (<i>formal</i>)	usted (<i>formal</i>)
3ª sing	él/ella	él/ella
1ª plur	nosotros	nosotros
2ª plur	vosotros (<i>informal</i>)	ustedes
	ustedes (<i>formal</i>)	(<i>formal e ijformal</i>)
3ª plur	ellos/ellas	ellos/ellas

Mafalda, sua família e seus amigos vivem em Buenos Aires e utilizam exclusivamente, portanto, o pronome *vos* e as correspondentes morfologias verbais em suas interações, que são de natureza informal, íntima. Apesar da substituição de *tú* por *vos*, o espanhol rio-platense também se classifica, junto com o espanhol peninsular, como uma variedade de morfologia “rica” que, por isso, dispensa a enunciação do sujeito, como no exemplo abaixo¹³, em que não ocorre nenhum pronome pessoal e em que a morfologia verbal correspondente a *vos* ocorre três vezes (*podés, tenés, querés*), assim como a correspondente a *yo*, três vezes também: *estoy, siento, voy*:



13. As tiras da Mafalda na edição completa em espanhol são numeradas de 1 a 1.920. O número da tira aparece discretamente em algum ângulo de um dos quadros. No exemplo, trata-se da tira 581. Essa numeração será usada aqui para indicar a localização das tiras.

Tanto quanto nas demais línguas em que o pronome-sujeito pode ser elidido, também nessa variedade a enunciação do pronome assume, conforme se mencionou mais acima, um caráter de *realce* pragmático-discursivo, como no caso de *vos* e *yo* nas seguintes tiras:



Fanjul (2014) argumenta que a explicitação ou não do pronome-sujeito em espanhol se vincula a fatores que vão além da morfologia rica e da busca de expressividade. Para o autor, as diferenças entre o tratamento da categoria *sujeito* em espanhol e em PB se devem também ao que ele chama de efeito de *contraste*:

O que é que determina, então, a possibilidade de ocorrência de um pronome sujeito em E[spanhol]? Para perspectivas como a que aqui adotamos, ela não é uma variável livre que dependa de decisões “estilísticas”. Trata-se de um processo orientado por fatores relacionados à progressão da informação, com consequências na interpretação, especificamente na identificação de referência. A presença de um pronome sujeito em E[spanhol] traz um efeito de *contraste*. (FANJUL, 2014, p. 35)

Ao analisar a tradução para o espanhol de duas falas de personagens de um romance de Clarice Lispector, tradução em que não ocorre nenhum pronome-sujeito enquanto no texto-fonte em português ocorrem três, Fanjul demonstra a complexidade dos usos desses pronomes em espanhol – complexidade que, evidentemente, faz parte da gramática intuitiva e da competência comunicativa de

seus falantes –, usos que se vinculam a fatores de ordem pragmática e discursiva, junto com os morfossintáticos, muito diferentes dos que levam os falantes de PB a explicitar o sujeito com muito maior frequência.

Essa análise de Fanjul segue na linha daquilo que Maia González (2008) tem chamado de “inversão simétrica” entre o espanhol e o PB, isto é, fenômenos morfossintáticos e pragmático-discursivos que opõem as gramáticas das duas línguas no tocante a elementos fundamentais de seu funcionamento. Duas dessas inversões simétricas seriam precisamente a explicitação do sujeito (quase obrigatória em PB e sujeita a diversas restrições em espanhol) e a elipse do pronome anafórico de objeto direto (frequentíssima em PB e impraticável em espanhol). O reconhecimento e a consciência dessas diferenças contribui para desmistificar a ideia tão presente no senso comum de que o espanhol e o português são duas línguas tão próximas e semelhantes que isso facilitaria em alto grau (ou até mesmo dispensaria) o ensino e a aprendizagem de ambas por parte de seus respectivos falantes. Na avaliação da autora, porém,

resulta peligroso apoyarse simplemente en el estereotipo de la gran semejanza entre el español y el portugués (en este caso, el de Brasil), porque, aun cuando estas semejanzas existen en un nivel superficial de la lengua, otros factores, tanto de naturaleza propiamente lingüística, gramatical, como de funcionamiento discursivo pueden conducir a errores serios de interpretación o incluso a la incomprensión mutua. Y es importante dejar claro que no se trata simplemente de un conjunto de problemas relacionados con las normas gramaticales vigentes, sino con el funcionamiento de las lenguas y con los elementos indispensables para que se produzca la comprensión por parte de los hablantes nativos y se detecten los sentidos que se producen a partir del uso de determinadas formas. (GONZALEZ, 2008, p. 5)

O que a autora afirma sobre a relação espanhol-PB também se aplica, a meu ver, à relação PB-PE: as mudanças ocorridas em ambas as línguas podem provocar, e com frequência de fato provocam, problemas de intercompreensão mútua. Conforme se argumentou mais acima, o apagamento de *você* no português europeu, por exemplo, pode gerar enunciados que, para falantes de português brasileiro, se aproximariam da agramaticalidade.

Uma vez que o interesse aqui é investigar em que medida a tradução espelha (ou não) os processos de mudança ocorridos especificamente no português brasileiro no que diz respeito ao tratamento dos pronomes-sujeitos, e não propriamente uma análise comparativa das gramáticas do espanhol e do português, remetemos o leitor interessado aos ensaios reunidos em Fanjul e Maia González (2014), fundamentais para quem se dedica ao ensino de espanhol no Brasil, ao ensino de português a falantes de espanhol e ao ensino de línguas estrangeiras de modo mais geral.

2. A EXPLICITAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A explicitação (quase) obrigatória do sujeito no PB vem despertando o interesse dos pesquisadores já há algumas décadas. A constatação empírica do fenômeno tem levado a afirmações como as seguintes:

Diferentes trabalhos com base em dados de língua oral e na escrita de cartas ou de peças de teatro popular têm mostrado que o português do Brasil apresenta índices de preenchimento de sujeito pronominal bem superiores aos apresentados pelas chamadas línguas românicas de sujeito nulo, como o espanhol, o italiano e a variedade europeia do português. De modo geral, o fenômeno tem sido associado à simplificação ocorrida em nossos paradigmas flexionais verbais, que contam com a mesma forma para a segunda e a terceira pessoas do singular e, com frequência cada vez maior, para a primeira do plural, graças ao crescente uso da forma “a gente” em detrimento de “nós”. (DUARTE, 2003, p. 115)

As gramáticas normativas sempre recomendaram a supressão do pronome sujeito quando a forma verbal – especialmente de 1ª pessoa do singular e do plural – já traz a marca pessoal: *chego*, por *eu chego*; *dissemos*, por *nós dissemos*. Efetivamente, a ausência deste é o uso típico no português europeu, de que se distingue o português brasileiro. [...] Isto revela que o português do Brasil, mesmo em sua variedade culta, está dando ampla preferência ao resgate do sujeito, ao contrário do que se passa em Portugal. (AZEREDO, 2008, p. 550)

[...] comparando-se o PB com o PE, tem-se notado que a ocorrência da categoria vazia não é a mesma nessas duas variedades: no Brasil preenche-se mais a posição do sujeito que a de objeto direto, enquanto em Portugal a relação seria inversa. [...] Na literatura sobre a diacronia da elisão do sujeito, vem-se estabelecendo uma relação entre morfologia verbal rica e omissão de sujeito e, ao contrário, morfologia verbal pobre e retenção do sujeito. A hipótese é particularmente instigante no caso do PB, pois essa variedade vem “simplificando” sua morfologia. Assim, de um quadro de seis formas verbais (como em *canto*, *cantas*, *canta*, *cantamos*, *cantais*, *cantam*), tivemos, com a substituição de *tu* por *você*, e de *vós* por *vocês*, uma redução para quatro formas (visto que *você[s]* leva o verbo para a terceira pessoa) e, depois, para três formas, quando se começou a substituir *nós* por *a gente*. (CASTILHO, 2010, p. 293).

Duarte (2003) apresenta resultados obtidos em *corpus* de língua falada em que o percentual de sujeitos expressos chega a 80%. Esses dados só vêm confirmar aquilo que, duas décadas antes, Fernando Tarallo (1983) já tinha diagnosticado, ao considerar a virada do século XIX para o XX como o momento crucial de aceleração da tendência ao preenchimento do sujeito e, em correlação com esta, da tendência ao apagamento do objeto direto. Nas palavras do autor (TARALLO, 1993), essas transformações já permitiriam falar de uma “gramática d’aquém e d’além-mar”, isto é, de *dois sistemas linguísticos diferentes*.

Na fala natural e espontânea, portanto, a explicitação (quase) obrigatória do sujeito é uma mudança já bem enraizada na língua majoritária da população brasileira de todas as camadas sociais, de todas as regiões. De que maneira, porém, essa mudança se reflete (ou não) também na produção escrita que tenta de algum

modo simular a interação oral? Duarte e colaboradores (2012) investigaram o fenômeno em peças teatrais brasileiras publicadas entre 1833 e 1992 e confirmaram o incremento cronológico dessa mudança linguística nos textos analisados. Aqui, vamos abordar uma situação mais complexa que é a da prática da *tradução* de textos que mimetizam a oralidade: em que medida, na transposição de um texto de uma língua – o espanhol rio-platense, em que o recurso ao sujeito nulo responde a imperativos gramaticais e discursivos – para outra língua – o português brasileiro, em que a expressão do sujeito tende à obrigatoriedade –, essa mudança morfossintática detectada e investigada há décadas pela linguística brasileira emerge (ou não) no texto traduzido? Outra questão para a pesquisa é: na comparação entre os textos traduzidos em Portugal e no Brasil, é possível detectar as diferenças entre a gramática “d’além-mar” e a gramática “d’aquém-mar”? É o que vamos tratar de responder, analisando as mesmas tiras da Mafalda em traduções portuguesa e brasileira.

3. A ORALIDADE FINGIDA

A tradução de tiras, histórias em quadrinhos e romances gráficos é um fértil terreno para investigações de natureza teórica e prática muito diversificadas, dada a própria natureza multissemiótica desses gêneros. Neste trabalho, vamos nos concentrar nas questões de ordem *linguística*, mais especificamente *morfossintática*, sem desconsiderar, é claro, as restrições materiais características desses gêneros, em que a “fala” das personagens se inscreve em balões que delimitam (e limitam) o espaço físico disponível para o texto verbal.

No caso das tiras da Mafalda que constituem nosso *corpus*, é evidente que o texto a ser analisado *não é uma fala autêntica*, mas, sim, uma *representação da fala*, uma *mimese*, uma tentativa de recriação artística – com finalidades estéticas e nunca de documentação fiel – de um universo social específico. Trata-se do que Carsten Sinner designa pelo termo *oralidade fingida*, que ele assim define:

Entendemos por oralidade fingida o tipo de oralidade criada por um autor num romance, conto, história em quadrinhos etc., por um roteirista numa obra fílmica ou radiofônica, pelo tradutor e adaptador na dublagem de filmes etc. Não coincide com a língua oral real, já que não pode ser considerada como simples modelagem da linguagem coloquial, mas evoca contextos orais mediante a seleção de determinados traços típicos da oralidade ou de recursos convencionalmente usados para representar a oralidade na ficção. É costume seguir-se, portanto, uma tradição de modelagem da oralidade fingida. (SINNER, 2011, p. 224, nota 3)

Convém ressaltar que o adjetivo *fingida*, que qualifica *oralidade* nesse conceito, não pretende emitir nenhum julgamento de valor negativo, como em seus sinônimos

habituais “falsa”, “dissimulada”, “enganadora” etc. *Fingida* equivale, aqui, a *ficcional* – ambos termos derivados do verbo latino *fingĕre*:

1. Modelar em barro; formar como qualquer substância plástica; formar; representar; esculpir. 2. Fazer; criar; produzir, compor (uma obra literária). 3. Reproduzir os traços de; representar. 4. Tocar de leve; acariciar. 5. Apertar; ajustar; adaptar; dispor. 6. Imaginar; fingir; disfarçar; supor; dissimular; inventar; meditar; preparar; aprestar. 7. Fazer; tornar. 8. Formar; instruir; dominar; vencer. (Torrinha, 1984, p. 337)

Como se observa, na evolução do latim para as línguas românicas, o sentido abstrato, que, no dicionário latino-português, aparece somente como sexto conjunto de acepções, tomou a dianteira e se tornou o mais usual naquelas línguas, como o português/espanhol/catalão *fingir*, o francês *feindre*, o italiano *fingere* etc. O particípio passado desse verbo latino é *fictus*, e é dessa raiz *fict-* que surgiram, em português, *ficção*, *ficcional*, *fictício* etc. Da mesma família morfológica é a raiz *fig-*, que comparece em *figura* e toda a sua vasta derivação.

Decerto, foi com a consciência do significado mais remoto de *fingir* que Sinner associou *oralidade fingida* a “modelagem”, termo que escolhemos para traduzir *plasmación*, empregado no texto-fonte, escrito em espanhol.

A oralidade *fingida* pode não ser – aliás, não tem como ser – uma representação fiel das práticas reais de uso da fala em interações sociais autênticas. No entanto, para cumprir as chamadas *condições de felicidade*¹⁴ da teoria dos atos de fala, ela precisa atingir o mais alto grau possível de *verossimilhança*. O grau de (in)verossimilhança da oralidade representada nas traduções pode ser medido com base nos conhecimentos acumulados pela pesquisa sociolinguística que, há mais de quarenta anos, vem promovendo uma descrição cada vez mais acurada e precisa do português brasileiro em suas mais diversas variedades (regionais, sociais, etárias, profissionais etc.). Seriam exemplos de oralidade *fingida inverossímil* as seguintes tiras da tradução brasileira:

14. Na teoria dos atos de fala de John Austin (1962), as *condições de felicidade* são os critérios que precisam ser satisfeitos para que um enunciado performativo seja bem-sucedido. Atos de fala como promessa, ameaça, solicitação etc. precisam estar formatados adequadamente, em termos linguísticos e extralinguísticos, para que possam ser corretamente interpretados como tais pelo interlocutor a quem são dirigidos.



A inverossimilhança no caso da primeira tira, de número 19, está no emprego, por parte de Manolito, do verbo *haver* duas vezes (“não vai *haver*” e “não *há* chifradas”). Como se sabe, no PB falado, e, ainda mais, falado por crianças, o verbo usado com quase exclusividade com valor “existencial” é *ter*. Assim, seria mais verossímil que Manolito dissesse: “acho que não vai *ter*”, e “entre bois não *tem* chifradas”. Inverossímil também é o emprego do pronome oblíquo *a* (“quem *a* faz são bons comerciantes”): um dos fenômenos mais investigados na linguística brasileira é precisamente o desaparecimento dos pronomes *o/a/os/as* em função de objeto direto no PB falado, inclusive por pessoas altamente letradas. O apagamento do objeto direto de 3ª pessoa é correlato da (quase) obrigatoriedade de explicitação do sujeito, dois traços da morfossintaxe brasileira que diferenciam o PB não somente

do português europeu como também de todas as demais línguas do grupo românico (cf. DUARTE; RAMOS 2015).

Quanto à tira 129, trata-se novamente do uso do pronome oblíquo *a*, desta vez em seu alomorfe *la* ("vou comprá-la"), com probabilidade praticamente nula de ocorrer na fala de uma criança da idade de Felipe. O mesmo se diga do possessivo *seus*: no PB falado, *seu(s)/sua(s)* se referem unicamente ao que pertence à pessoa designada por *você*. Para se referir ao que pertence à 3ª pessoa, usa-se *dele(s)/dela(s)*. Assim, "como será que o destino faz para adiantar os caprichos *dele* uma semana?" seria mais verossímil.

Por fim, na tira 169, temos uma construção, "*não desmerece a ninguém*", que decerto nenhuma criança brasileira diria. E, mais uma vez, ocorre o verbo *haver* ("há solução pra tudo") e a forma "curá-lo", conforme já comentamos acima.

É preciso deixar claro, no entanto, que a qualificação de *oralidade fingida inverossímil* que fazemos aqui não deve ser entendida como um juízo de valor, uma vez que tem função meramente *descritiva*. Não se trata de julgar se as opções dos tradutores estão "certas" ou "erradas", mas simplesmente de avaliar em que medida refletem (ou não) as realidades dos usos falados no PB contemporâneo, conforme têm sido descritos pela pesquisa sociolinguística nas últimas décadas. Para quem tiver interesse na investigação da qualidade das traduções em si e nos critérios para avaliá-la sugerimos a leitura do trabalho de Silva (2015), que se dedica precisamente a esse tipo de análise. Por outro lado, um trabalho mais extenso acerca da oralidade fingida inverossímil é o de Bagno (2017).

4. CORPUS E ANÁLISE

As obras de onde coletamos nossos dados foram as seguintes:

1. Quino, *Toda Mafalda*. 19ª ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2006.
2. Quino, *Toda Mafalda, da primeira à última tira*. 1ª ed., 7ª tiragem. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva, Monica Stahel, Pedro Luís do Carmo, Maria Thereza de Vasconcellos Linhares, Antônio de Pádua Danesi, sob coordenação de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
3. Quino, *Toda a Mafalda, da primeira à última tira*. 2ª ed. [Não constam créditos da tradução] Lisboa: Dom Quixote, 1987.

Para a investigação que nos interessa, selecionamos 100 (cem) tiras da Mafalda em espanhol em que não ocorresse *nenhum* pronome-sujeito¹⁵. O objetivo era, precisamente, comparar essa ausência absoluta de pronomes nos textos-fonte com os resultados das traduções brasileira e portuguesa das mesmas tiras. Os dados coletados foram os seguintes:

	PRONOMES- SUJEITO		TRAD. BRASIL.	TRAD. PORTUG.
	1ª	EU	nulo	99 / 136
explícito			37 / 136	4 / 128
NÓS		nulo	12 / 13	18 / 18
		explícito	1 / 13	0 / 18
2ª	TU	nulo	-----	147 / 153
		explícito	-----	6 / 153
	VÓS	nulo	-----	-----
		explícito	-----	-----
	VOCÊ	nulo	39 / 140	-----
		explícito	101 / 140	-----
	VOCÊS	nulo	1 / 1	1 / 1
		explícito	-----	-----
3ª	ELE	nulo	9 / 25	14 / 18
		explícito	16 / 25	4 / 18
	ELES	nulo	-----	2 / 2
		explícito	1 / 1	-----
	ELA	nulo	2 / 4	5 / 6
		explícito	2 / 4	1 / 6
	ELAS	nulo	3 / 5	2 / 2
		explícito	2 / 5	-----
TOTAL	nulos	165 / 325	313 / 328	
	explícitos	160 / 325	15 / 328	

15. Conforme dito na nota 13, as tiras da Mafalda são numeradas. As que serviram de *corpus* para esta pesquisa foram: 1, 6, 13, 26, 44, 48, 56, 65, 67, 77, 80, 84, 85, 86, 87, 93, 97, 106, 107, 124, 126, 127, 128, 130, 134, 138, 139, 140, 142, 143, 160, 166, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 178, 179, 193, 194, 196, 209, 213, 219, 221, 229, 247, 248, 249, 261, 265, 267, 268, 274, 280, 289, 290, 292, 301, 326, 341, 346, 355, 359, 366, 371, 380, 388, 389, 400, 404, 411, 414, 416, 419, 426, 480, 484, 485, 502, 504, 507, 520, 530, 535, 537, 540, 542, 562, 565, 581, 590, 592, 601, 603, 610, 622, 656.

A primeira observação digna de nota é que o total de ocorrências de sujeitos explícitos na tradução brasileira – 160 (cento e sessenta) – é mais de dez vezes superior ao total das mesmas ocorrências na tradução portuguesa: 15 (quinze). E isso apesar das condições de produção de textos deste gênero, sobretudo a restrição do espaço disponível nos balões para a representação das falas das personagens, e apesar também de se tratar de uma oralidade fingida. Confirma-se assim a distância que separa o português brasileiro, língua de explicitação (quase) obrigatória do sujeito, do português europeu e do espanhol rio-platense, mais propensos à elipse do sujeito. Um exemplo eloquente dessas diferenças é a já citada tira 581: em espanhol rio-platense (A) e em português europeu (B) *todos os sujeitos são nulos*, enquanto na tradução brasileira (C) *todos os sujeitos são explicitados por pronomes*:



Examinando em pormenor os dados obtidos é possível também enunciar diversas constatações, sobretudo no que diz respeito às formas mais empregadas na interação verbal, as de 1ª e 2ª pessoas.

A possibilidade de elidir o pronome *eu*, graças à sua morfologia específica, foi um recurso usado tanto na tradução brasileira (99 vezes) quanto na portuguesa (124). Ainda assim, na brasileira, as ocorrências de *eu* explícito superam de longe as da portuguesa: 37 contra 4. Isso talvez se explique pelo fato de que, no movimento geral que leva ao desfavorecimento do sujeito nulo no PB, a morfologia própria da 1ª pessoa do singular não serve de obstáculo para a explicitação do pronome, como se pode observar nos excertos abaixo, extraídos de entrevistas com falantes classificados de cultos pela pesquisa sociolinguística (ênfase nossa):

(6) porque...eu fiz o curso normal...porque eu havia perdido o meu pai fazia:ah no no primeiro colegial...e:eu precisava...ter uma ah optar por uma carreira ... profissionalizante... eu achei que as coisas dali para frente seriam mais difíceis, eu comecei o colegial... pensando... em Medicina...e pensando em contar com o meu pai...para...o custeio do estudo mas desde o momento em que eu...o perdi eu:preferi uma carreira profissionalizante...um colegial profissionalizante para que eu tivesse chance de já trabalhar assim...que formar não é? e::daí me empolguei pelo magistério lecionei algum tempo...e::ao terminar o normal eu logo optei pela Pedagogia que era um curso assim que dá uma cultura...geral boa não é?...ah o nosso curso foi...bem dado e tudo mais e eu gostei... [...] no quarto ano eu poderia ter feito...e a Psicologia Clínica também que::eu poderia ter feito no quarto ano como opção... [...] .e::eu não fiz por falta de tempo porque eu me casei no terceiro ano...de faculdade e daí logo vieram as gêmeas e eu não:...não fiz...a Orientação no quarto ano porque a carga horária era muito grande... sabe? então eu...preferi terminar a Pedagogia e fiz a licenciatura...mas [...] eu não falo como pedagoga porque:eu não::me considero...como formada em Pedagogia...eu não usei o meu diploma porque eu não lecionei no secundário sabe?...então daí o motivo de eu ter escolhido Pedagogia...e gosto gosto muito...da:psicologia da criança...do adolescente a psicologia em geral me cativa sabe?...então...aí está o motivo pelo qual...eu escolhi esse curso.¹⁶

Chamamos também a atenção para a total ausência de *tu* na tradução brasileira, que tem seu paralelo na total ausência de *você* na portuguesa. Conforme dito acima, o uso de *tu* no PB está restrito a variedades locais, enquanto *você* caracteriza uma forma muito mais ampla e, por isso, “neutra”, de tratamento informal, íntimo. Por sua vez, o uso de *você* em Portugal caracteriza um tratamento a meio caminho entre o totalmente informal e o totalmente formal, o que explica sua ausência em diálogos que reproduzem interações entre pessoas que têm intimidade umas com as outras e, sobretudo, entre crianças. Quanto ao pronome *vós*, sua ausência na tradução portuguesa se deve a seu já mencionado caráter marcadamente dialetal, não recomendado pela norma-padrão portuguesa, que tem por base a fala lisboeta.

16. Acervo do projeto NURC, inquérito D2/SP/360.

A morfologia rica da 2ª pessoa do singular no português europeu permitiu a elipse do pronome *tu* em 147 casos sobre um total de 153 (96% de elipses).

No que diz respeito às formas correspondentes a *nós*, a morfologia própria da 1ª pessoa do plural também possibilita um apagamento mais frequente do pronome-sujeito, o que se verificou tanto na tradução brasileira (12 sobre 13) quanto na portuguesa (18, sem nenhum *nós* explícito). No entanto, como têm mostrado as pesquisas empíricas sobre o PB, o uso de *nós* e sua morfologia perde cada vez mais terreno para o emprego de *a gente*. Decerto, as restrições impostas pela limitação de espaço nos balões levaram a um uso muito pouco frequente de *a gente*, tanto na tradução brasileira (7 ocorrências) quanto na portuguesa (3). Não incluímos, porém, *a gente* no quadro acima porque não existe possibilidade de elipse desse pronome a não ser em sequências de verbos encadeados e muito próximos um do outro – “Só quando *a gente* entrou no carro do Pedro é que *viu* que estava com pouca gasolina”. Quando os verbos estão distantes, é comum a retomada de *a gente* pela morfologia correspondente a *nós*, com ou sem a presença do pronome: “Só quando *a gente* entrou no carro do Pedro é que *viu* que estava com pouca gasolina, por isso *vimos* no da Ana” (ver BECHARA 1999, 555).

Por fim, no que diz respeito às formas da chamada 3ª pessoa (que é, de fato, uma *não-pessoa* do discurso), o destaque cabe à diferença entre *ele* explícito 16 vezes na tradução brasileira contra 14 nulos na portuguesa. Isso se explica, sem dúvida, pelo fato de que *ele* e *você* compartilham a mesma morfologia e sua não-explicitação poderia gerar ambiguidades na interpretação dos enunciados.

CONCLUSÃO

A tradução de gêneros textuais que simulam a fala normal (o que aqui se chamou de *oralidade fingida*), apesar das especificidades de suas condições de produção – com destaque para o espaço restrito disponível nos balões –, revela ainda assim as características próprias de cada língua. No caso do espanhol rio-platense e do português europeu, os textos analisados comprovaram a alta frequência de elipse dos pronomes-sujeitos, favorecida pela morfologia verbal rica dessas línguas, ao mesmo tempo em que demonstraram a acentuada tendência, mesmo na oralidade fingida, da explicitação (quase) obrigatória do sujeito no português brasileiro. Temos, assim, nas mesmas tiras: espanhol rio-platense (0 pronome-sujeito), português europeu (15), português brasileiro (160).

Os gêneros textuais que operam com uma representação da oralidade podem ser considerados, portanto, como *espelhos* que refletem em alguma medida – na

escrita – as tendências de mudança em ação na língua realmente falada. A pesquisa linguística só teria a ganhar na comparação entre esses gêneros e os materiais obtidos empiricamente e sobre os quais incide a teorização concernente ao funcionamento normal da língua¹⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. (1962). *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press.
- AZEREDO, J. C. (2008). *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- BAGNO, M. (2012). *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- BAGNO, M. (2017). Oralidade fingida e romance gráfico: a tradução brasileira de *Aya de Yopougon*. *Translatio*, 13, 163-184.
- BECHARA, E. (1999). *Moderna gramática portuguesa* 39ª ed. Rio de Janeiro: YHL.
- CASTILHO, A. T. (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- CASTRO, I. (2011). *Introdução à história do português*. Lisboa: Colibri.
- DUARTE, M. E. L. (2003). A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.), *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Faperj/Contra Capa.
- DUARTE, M. E. L. (org.) (2012). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992). Estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola.
- DUARTE, M. E. L.; RAMOS, J. (2015). Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. In MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.), *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- FANJUL, A. P. (2014). Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In FANJUL, A. P.; MAIA GONZÁLEZ, N. (orgs.), *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola.

17. É incontornável mencionar, a esse respeito, as diversas pesquisas realizadas e/ou orientadas por Maria Marta Pereira Scherre sobre os usos do modo imperativo no português brasileiro. Com recurso às histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, às letras das canções de Chico Buarque, a diálogos de obras literárias etc., Scherre vem comprovando as transformações por que tem passado o uso do imperativo na fala brasileira. Ver, entre outros, Scherre (2007).

- FANJUL, A. P.; MAIA GONZÁLEZ, N. (orgs) (2014). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola.
- MAIA GONZÁLEZ, N. (2008). Português brasileiro y español: lenguas inversamente asimétricas. *SIGNOS ELE*, nº 1-2, p. 1-7.
- RAPOSO, E. B. P. (2013). Pronomes. In RAPOSO, E.; NASCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SCHERRE, M. M. P. (2007). Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, 51 (1), pp. 189-222.
- SCHERRE, M. M. P. et al. (2015). Variação dos pronomes “tu” e “você”. In MARTINS, M. A.; ABRACADO, J. (orgs.), *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- SEGURA, L. (2013). Variedades dialetais do português europeu. In RAPOSO, E.; NASCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVA, B. Z. (2015). *As tiras de Mafalda no Brasil: tradutores e traduções*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Latino-americanas. Universidade de São Paulo. Disponível em <https://usp-br.academia.edu/BarbaraZocal>, acesso em 12/2/2018.
- SINNER, C. (2011): Relaciones sociales en la traducción de la oralidad fingida: formas y fórmulas de tratamiento como dificultad y problema en la traducción, in S. Roiss; C. F. Gil; M. A. R. Ariza; B. S. López; P. Z. González (eds.), *El nas vertientes de la traducción e interpretación del/al alemán*. Berlin: Frank & Timme, pp. 223–243.
- TARALLO, F. (1983). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D. Dissertation. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- TARALLO, F. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX. In ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Pontes/Unicamp.
- TORRINHA, F. (1984): *Dicionário latino-português*. Porto: Porto Editora.
- VENÂNCIO, F. (2012). Você está aqui. *LER*, outubro 2012.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. (2015). Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.), *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Recebido: 20/02/2018

Aceito: 26/02/2018